

**Questões teóricas e metodológicas:
as contribuições do eixo 4**

*Theoretical and methodological questions:
contributions of the axis 4*

Maria da Conceição de Paiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Jussara Abraçado
Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Neste artigo retomamos os objetivos e metas colocados no âmbito do eixo “Questões Teóricas e Metodológicas” para o estudo da variação e mudança linguística e destacamos suas contribuições no que tange à interface entre a Sociolinguística Variacionista e outros modelos teóricos. Ilustramos as questões que permeiam pesquisas desenvolvidas neste eixo, discutindo a forma como a variação sociolinguística, entendida em termos de alternância entre formas, pode ou tem sido analisada na perspectiva de diferentes modelos teóricos. Concentramos nossa atenção na interface com os Modelos Baseados no Uso, e mais particularmente, na possibilidade de conjugação entre os pressupostos teóricos centrais da Sociolinguística Variacionista e da Gramática de Construções Cognitiva. Partimos do princípio de que qualquer diálogo entre a Sociolinguística e outras teorias implica a incorporação do componente social da linguagem em um modelo de gramática. Retomando alguns pressupostos centrais dos Modelos Baseados no Uso (GCBU), procuramos mostrar a forma como a variação sociolinguística tem sido compatibilizada com as perspectivas que partem do pressuposto de indissociabilidade entre sistema e uso linguístico. Destacamos a forma como a alternância de construções tem sido acomodada no corpo teórico da UBCG.

Palavras-chave: Variação; Sociolinguística Variacionista; Modelos Baseados no Uso; interfaces

Abstract: In this article, we return to the objectives and goals set under the axis “Theories and Methods for the study of Variation and Linguistic Change”. We highlight their contributions relating the interface between Variationist Sociolinguistics and other theoretical models. We illustrate the issues around research developed in this axis, showing how the sociolinguistic variation, understood in terms of alternation between forms, can or has been analysed from the perspective of different theoretical models. We focus our attention on the interface with the Usage-Based Models and, more particularly, on the possibility of integration between the central



theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics and the Usage-based Construction Grammar (UBCG). We claim that any dialogue between Sociolinguistics and theoretical models necessarily requires the incorporation of the social component of language into the theoretical body of a grammar model. Considering some assumptions of these models, we try to show that the sociolinguistic variation can be accommodated with the perspectives that start from the assumption of inseparability between system and language use. We highlight how the alternation of constructions has been accommodated in the theoretical body of UBCG.

Keywords: Variation; Variationist Sociolinguistics; Usage-based Models; Interfaces

1 Introdução

O eixo 4 do GT de Sociolinguística, hoje denominado “Questões Teóricas e Metodológicas” para o estudo da variação e mudança linguística, emergiu naturalmente a partir de discussões dos membros do GT de Sociolinguística sobre a organização e objetivos do grupo. Já no II Encontro Anual da ANPOLL (Rio de Janeiro, 1987), o GT volta sua atenção para questões teóricas e metodológicas relacionadas ao estudo da variação e mudança linguística, o que leva a um movimento importante: a fusão do GT de Bilinguismo e de Sociolinguística, dada a convergência de interesses e de objeto de estudo entre eles. No III Encontro Anual (Recife, 1988), segundo Brandão (1995, p. 96), foi destacada a necessidade de demonstrar com maior clareza “a interface entre os estudos sociolinguísticos e outras áreas de análise como Análise do Discurso, Etnografia da Fala e Análise da Conversação”.

Nos encontros seguintes, a vitalidade do eixo se faz notar no conjunto de apresentações de trabalhos a ele vinculados. Dada a discussão a respeito da adequação do rótulo “Interfaces teóricas”, foi aprovada no XXIX Encontro Nacional (2014, Santa Catarina), a mudança do nome do eixo para “Teorias e Métodos para o estudo da Variação e Mudança Linguística”. Brescancini e Monaretto (2019, p. 14) registram essa mudança de denominação e sintetizam algumas questões centrais do eixo, como: (a) limites e ganhos das articulações teóricas possíveis, (b) instrumental metodológico adotado e (c) ampliação das investigações para novas fronteiras teóricas e metodológicas”. No Plano de trabalho do GT, para o biênio 2018-2020, ficam claros os objetivos do eixo 4:

Vinculam-se a este eixo, sobre teoria (ou teorias) e métodos para o estudo da variação e mudança linguística, propostas de trabalho que: (i) lidem com a relação entre concepções basilares desse estudo e orientações teórico-metodológicas; (ii) apreciem, criticamente, problemas e encaminhamentos teóricos em foco em diferentes linhas de investigação de variação e mudança, bem como articulações teóricas consolidadas (limites e ganhos) ou potenciais (novas possibilidades); (iii) pesquisem e discutam questões, pressupostos e instrumentais metodológicos; (iv) teçam juízos técnicos sobre tratamentos qualitativos e/ou quantitativos manifestos em descrições de variação e mudança ou ainda necessários/a explorar; (v) promovam componentes teóricos e/ou metodológicos (quase) inexplorados.¹

Ao longo do tempo, diversos trabalhos que focalizam a variação em diferentes níveis da gramática têm explorado a conjugação/integração do aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista com diferentes modelos ou abordagens teóricas, como é o caso da Sociolinguística Paramétrica (TARALLO e KATO, 1989, MARTINS, COELHO e CAVALCANTE, 2015; DUARTE, 2019) e do Sociofuncionalismo (TAVARES, 2013; RAMOS e MENON, 2015; GÖRSKY e TAVARES, 2016), já no final dos anos 80 e, mais recentemente, da Sociofonética (GOMES et al., 2015; BRESCANCINI e FOULKES, 2017), da Sociolinguística Cognitiva (ABRAÇADO, 2015) e do Socioconstrucionismo (WIEDEMER e MACHADO VIEIRA, 2018; MACHADO VIEIRA e WIEDEMER, 2019). Essa diversidade reflete não só o desenvolvimento ou reformulação de modelos de gramática, como também o crescente interesse na percepção, avaliação, aquisição e processamento de usos variáveis.

De uma forma ou outra, essas diferentes conjugações tomam como ponto de partida pressupostos basilares da Sociolinguística Variacionista tais como o caráter ordenado da variação linguística, a interrelação entre variação e mudança e o fato de que variação linguística se relaciona à organização social (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001). No entanto, dada a amplitude das interfaces e abordagens exploradas, em razão mesmo do tipo de variação ou mudança focalizada (fonética, fonológica, morfossintática, lexical e discursiva), nos detemos nas questões que podem ser levantadas em relação ao tratamento da variação numa

¹ Disponível em:
<http://anpoll.org.br/gt/sociolinguistica/wpcontent/uploads/sites/38/2013/03/Sociolinguistica-Plano-de-Trabalho.pdf>.

perspectiva dos Modelos Baseados no Uso que enfatizam a importância de processos cognitivos mais gerais na variação, processamento e mudança linguística.

2 A interface com abordagens baseadas no uso

Parece natural uma convergência epistemológica entre a perspectiva da Sociolinguística Variacionista e algumas abordagens teóricas incluídas no rótulo de *Modelos Baseados no Uso*, se considerarmos que diversos desses modelos partem da indissociabilidade entre sistema e uso linguístico. As duas perspectivas convergem ainda na rejeição de variação independente do componente social.

Já no início dos anos 80, a ênfase na função instrumental das formas linguísticas estabeleceu uma ponte entre a abordagem Sociolinguística e modelos funcionalistas, principalmente americanos, como, por exemplo, o de Givón, (1979a, 1979b). A extensão do conceito de regra variável a fenômenos morfossintáticos conduziu, necessariamente, a questões relativas à interrelação entre estrutura e aspectos do contexto discursivo/textual e da situação interacional. Dessa forma, são incorporados na análise de variáveis linguísticas fatores como estatuto informacional dos constituintes, grau de conexão entre segmentos do discurso, figura/fundo ou ligados a estilos de fala ou escrita, sequências discursivas e gêneros textuais, por exemplo (cf. PAREDES SILVA, 1988, entre outros.). Em razão da sua própria natureza, fenômenos como ordenação de constituintes argumentais e não argumentais, topicalização e deslocamento à esquerda, ordenação de orações, estrutura de períodos compostos, uso de conectores ou mais ligados à dêixis e à construção da referência ganham maior ênfase nessa interface. A conjugação entre aspectos estruturais e funcionais na análise de diferentes fenômenos do português trouxe evidências robustas para delimitar o escopo e os limites de princípios como os de iconicidade, distribuição de informação, peso final e o alcance explicativo do conceito de marcação na variação e na mudança.

De forma implícita ou explícita, esses estudos remetem para dificuldades inerentes ao conceito de regra variável, construto teórico central no modelo sociolinguístico, implicando alternância entre formas distintas semanticamente equivalentes, susceptíveis ao efeito de múltiplos fatores. Diversos trabalhos demonstram, através de análises

empíricas, a possibilidade de formas, aparentemente sinônimas, se particularizarem por suas propriedades funcionais (PAIVA, 1991; FREITAG, 2009).

A correlação entre forma e função é, necessariamente, a questão central nos estudos de mudança por gramaticalização que, dada a sua natureza, envolvem maior atenção ao que poderíamos denominar de variação horizontal ou gradiência intercategoriais, nos termos de Aarts (2007). O interesse por esses processos, inerentemente discursivos e pragmáticos (cf. HEINE, 2003) ganha um espaço relevante nos estudos desenvolvidos no Sociofuncionalismo, que propõe uma conjugação entre pressupostos da Sociolinguística Variacionista e dos estudos de gramaticalização (TAVARES, 2013; GORSKY e TAVARES, 2016). Nessa interface, estudos do desenvolvimento de perífrases (temporais, aspectuais e modais), emergência de conectores e marcadores discursivos, tanto de uma perspectiva diacrônica como sincrônica, tornam mais explícita a forma como mudança por gramaticalização pode resultar na variação entre novas e velhas construções no interior de um mesmo paradigma ou de um mesmo domínio funcional, confirmando a natureza dinâmica e emergente do sistema linguístico, um pressuposto basilar da Sociolinguística Variacionista e dos Modelos Baseados no Uso (cf. LABOV, 1972, HOPPER, 1987, 1991, HOPPER E TRAUGOTT, 2003, BYBEE, 2010).

É necessário destacar que a ênfase no componente social ou na função instrucional da linguagem tanto nos estudos variacionistas como funcionalistas não exclui a importância de aspectos cognitivos. Assim, o “Monitor Sociolinguístico” (LABOV, 2006) é entendido como um mecanismo cognitivo relacionado à saliência social de variantes linguísticas. Ancorados de certa forma no conceito sociológico de “representação coletiva” (DURKHEIM, 1989), conceitos como “avaliação” ou “significado indexical” remetem para entidades mentais, construídas socialmente. Além disso, efeitos possíveis de fatores cognitivos como “priming”, bem demonstrados em estudos de psicologia, são destacados como uma variável responsável por parte considerável da variação intralinguística (SCHERRE, 1998, dentre muitos outros). De forma semelhante, a ênfase em aspectos contextuais e pragmáticos em muitos modelos funcionalistas é, em muitos casos, sustentada cognitivamente, como se pode observar na concepção de estrutura informacional em Chafe (1994).

A natureza cognitiva do sistema linguístico é foco central dos modelos que defendem uma interdependência dinâmica entre sistema e uso. Incorporando pressupostos da Linguística Cognitiva, esses modelos buscam demonstrar que padrões linguísticos mais gerais são abstraídos das inúmeras experiências do falante com uma diversidade de eventos/instâncias de uso. Abstrações decorrem da ação de mecanismos cognitivos mais gerais ligados a foco de atenção/saliência, percepção, memória, categorização enriquecida, capacidade de identificar semelhanças e diferenças entre eventos distintos. Nessa perspectiva, a questão central se desloca para a forma como a variação pode ser modelada na gramática do indivíduo, o que conduz para questões relacionadas não apenas à produção como também à percepção e à aquisição de padrões de variação. As representações linguísticas não podem ser entendidas sem considerar as características específicas do falante, a configuração social da comunidade em que ele se insere e a forma como se relacionam representações linguísticas e representações sociais.

Categorização/conceptualização tem sido entendida tanto em termos de protótipos (TAYLOR, 2002) como de esquemas (LANGACKER, 1987, 1991), ambos baseados no princípio de que não há fronteiras discretas entre categorias linguísticas. Embora os dois modelos não sejam incompatíveis, eles se distinguem quanto à importância que atribuem às similaridades e às especificidades de cada instância nas generalizações linguísticas. Para modelos multirrepresentacionais, como o da Fonologia de Uso (BYBEE, 2001) e da Teoria de Exemplos (JOHNSON e MULLENNIX, 1997; PIERREHUMBERT, 2001; CRISTÓFARO, GOMES, 2004, 2020), os falantes aprendem não apenas esquemas mais abstratos, baseados em similaridades formais ou semânticas entre diferentes instâncias de uso (exemplares), como também as especificidades e detalhes de cada instância linguística. Pressupõe-se, assim, uma forma de categorização rica que inclui informações contextuais, interacionais, sociais, culturais, geográficas associadas às variantes linguísticas.

Análises voltadas para a representação de variações sonoras do português ganham espaço em teses e projetos desenvolvidos por membros do grupo. Esses estudos destacam a importância da frequência do item lexical na forma como são representados fenômenos variáveis como a realização das fricativas em coda silábica (LOPES DE MELO, 2017) e tanto da frequência *token* como da frequência *type* na variação dos plurais em *-ao, aos ou ões* (ALMEIDA, 2013). Tal perspectiva tem sido explorada igualmente no estudo de

padrões sintáticos, como as diferentes construções clivadas do português (OLIVEIRA, 2019), que traz, inclusive, evidências para a dificuldade de tratar os casos de sobreposição entre construções dentro desse modelo.

Enfatizando a importância dos aspectos funcionais, cognitivos e sociais da variação a Sociolinguística Cognitiva promove a convergência entre as abordagens teóricas e metodológicas da Sociolinguística e da Linguística Cognitiva. O pressuposto central é o de que não se pode isolar a cognição do aspecto social da linguagem. De acordo com Bernardez (2005), as línguas existem somente na forma de atividade social, coletiva, e a linguagem é uma capacidade inerentemente histórica. Assim, fenômenos como metáfora e metonímia resultam de uma cristalização social, histórica (cf. também ABRAÇADO, 2015). Silva (2008, p. 22) destaca que “as conceptualizações na e através da linguagem têm uma base experiencial, isto é, estão intrinsecamente relacionadas ao modo como os seres humanos experienciam a realidade, tanto fisiológica como culturalmente”. Sob essa perspectiva de cognição social, têm se destacado pesquisas voltadas para as correlações existentes entre variação linguística e modelos culturais, variação linguística e diversidade sociocultural e ideologias como também questões de política linguística (SILVA, 2008), integrando, assim, questões centrais de diferentes modelos sociolinguísticos.

3 Interface entre a Sociolinguística e modelos construcionais

A proposição dos modelos construcionais, principalmente da Gramática de Construções Baseada no Uso, desperta a atenção de estudiosos da variação e da mudança, uma vez que, a priori, essa teoria permitiria dar conta de forma mais integrada tanto da variação lexical como da variação entre padrões linguísticos maiores e mais complexos. Para grande parte dos modelos construcionais, a língua é uma rede de construções, ou seja, pareamentos simbólicos/convencionais de forma e significado/função (ou forma e conteúdo nos termos de Langacker, 1987). Construções se interligam em diferentes níveis de esquematicidade, de forma que construções de níveis mais baixos herdam, total ou parcialmente, propriedades sintáticas e semânticas de construções de nível mais alto (cf. GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001, TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014; PEREK, 2015). Como construções de nível mais

alto podem englobar tanto usos prototípicos como suas extensões, essa concepção permite dar conta do maior ou menor afastamento de instâncias em relação a um uso mais central, em termos da ação de processos metafóricos ou metonímicos.

Estudos mais recentes se interrogam sobre o lugar da variação no quadro teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso e exploram a forma como o princípio sociolinguístico de variação inerente e ordenada pode ser compatibilizado com pressupostos centrais desses modelos. Para modelos construcionistas como os de Goldberg (*op. cit.*), cada construção constitui um nó independente de uma rede construcional, por apresentar particularidades morfossintáticas, semânticas e discursivo pragmáticas ou fonético-fonológicas e prosódicas. Em outros termos, se duas construções são formalmente distintas, elas são semântica ou pragmaticamente distintas (GOLDBERG, 1995, p. 67). Tal concepção, concretizada no princípio de não sinonímia², excluiria, em princípio, a alternância entre duas construções. Assim, uma interface entre modelos construcionais cognitivos e uma perspectiva variacionista, se confronta, inevitavelmente, com duas questões: (a) como situar, em um modelo construcional, a possibilidade de duas ou mais construções expressarem o mesmo significado? e (b) admitindo a variação como um fato dos sistemas linguísticos, em que nível hierárquico de uma rede, construções podem ser consideradas equivalentes e alternantes entre si?

A primeira questão tem sido objeto de discussão em diferentes trabalhos, como os de Esteves (2008), Machado Vieira (2016), Machado Vieira e Wiedemer (2020), Loiola (2018), Oliveira (2019); Paiva e Oliveira (2020), que defendem a inclusão da possibilidade de alternância entre formas no modelo construcional. Para Machado Vieira (2017), se variação for entendida em termos de uma relação de similaridade (comparabilidade, alinhamento, sinonímia “imperfeita”) é possível dar conta da alternância tanto entre padrões construcionais como da compatibilidade de elementos que podem preencher os slots de construções semi-esquemáticas. Paiva e Oliveira (*op. cit.*), por sua vez, apresentam argumentos para a necessidade de distinguir entre equivalência semântica e equivalência funcional, restringindo equivalência ao nível semântico/referencial. De certa forma, tal separação está subjacente em Goldberg (1995), quando caracteriza a construção ditransitiva como um esquema de alinhamento sintático-

² Para uma discussão mais detalhada sobre problemas inerentes ao princípio de não sinonímia, ver Uhrig (2015).

semântico independente da ordem dos seus constituintes, motivada por fatores funcionais.

A segunda questão implicaria considerar que a cada nível de uma rede taxonômica estão relacionados tipos distintos de significação. (cf, por exemplo, (OLIVEIRA e ARENA, 2019; ROSA e OLIVEIRA, 2020), o que não deixa de suscitar problemas, se considerarmos que a definição dos níveis de esquematização depende de uma interpretação do pesquisador (cf. TRAUGOTT, 2018).

A possibilidade de alternância entre construções é admitida por alguns autores com uma proposta de modelização que, pelo menos até certo ponto, se baseia também numa distinção entre componente semântico e componente pragmático. Reagindo a uma visão construcionista extrema, Capelle (2006) defende a incorporação da variação no quadro epistemológico da Gramática de Construções. O autor propõe o construto aloconstrução para dar conta do fato de que, em muitos casos, construções podem partilhar traços semânticos mais gerais, embora possuam restrições específicas. Nos termos de Cappelle (*op. cit.*) aloconstruções são “variant structural realizations of a construction that is left partially underspecified” (p. 18). Essas variantes estruturais, situadas em um nível mais baixo de esquematicidade, se ligam a uma “supercategoria” (CAPPELLE, *op. cit.*, p. 6, que captura suas similaridades. Aloconstruções herdam propriedades mais gerais do significado.³

Embora tentadora, a proposta pode ser discutida sob alguns aspectos. Um ponto a destacar é que, na sua proposta original (CAPPELLE, 2006), a “supercategoria” é um esquema sintático mais geral desprovido de significado, contrariando, assim, o próprio significado de construção. Embora essa questão seja resolvida na análise de Perek (2015) e na proposta de Machado e Wiedemer (2019), que admitem um significado/função mais geral para a metaconstrução, é necessário definir os traços que as aloconstruções herdam e aqueles que as particularizam, ou seja, seu significado e os fatores que motivam seu uso. Como destacam De Vaere, Kolkman e Belligh (2020), talvez seja necessário distinguir entre significados mais abstratos e significados menos abstratos que, pelo menos em princípio, são qualitativamente distintos.

Propondo igualmente uma compatibilização entre Sociolinguística Variacionista e modelos construcionais, Wiedemer e Machado Vieira (2018) e Machado

³ Cf. também metaconstrução em Leino e Östman (2005), Machado Vieira e Wiedemer (2019) ou constructeme, em Perek (2015).

Vieira e Wiedemer (2019, 2020) defendem a equivalência/comparabilidade entre o conceito de aloconstrução e de variante linguística e propõem o Socioconstrucionismo como um modelo integrativo. Como exemplo, os autores (*op. cit.*, p. 23-24) avançam a hipótese de que a construção passiva com o auxiliar *ser*, a construção de indeterminação com *se* e a construção com SN's genéricos podem ser consideradas aloconstruções de uma metaconstrução de desfocalização/impessoalização do referente que induz um estado de coisas.

A equivalência entre variante e aloconstrução pode constituir uma via promissora de conciliação entre as perspectivas construcional e variacionista, na medida em que pressupostos da Sociolinguística Variacionista permitiriam explicar, de forma mais adequada, a instanciação variável de aloconstruções alternantes. No entanto, alguns aspectos merecem reflexão. Como reconhece Capelle, o termo aloconstrução é proposto em paralelo com os conceitos de alofone e alomorfe.⁴ Se considerarmos que esses conceitos envolvem uma distribuição complementar, ou seja, o uso categórico de uma ou outra aloconstrução em um determinado contexto, eles anulam o espaço da variação (ver também OLIVEIRA, 2019). Numa perspectiva variacionista, porém, a ocorrência de uma dada variante linguística é probabilística, e dependente de pesos atribuídos a diferentes fatores/atributos que motivam a “escolha” de uma ou outra variante linguística, passíveis, em princípio, de alternarem em um mesmo contexto. Não se trata, portanto, de uma “escolha” livre do falante⁵. Como mostram, por exemplo, Machado Vieira e Wiedemer (2019), a instanciação de cada um dos padrões construcionais (aloconstruções) de desfocalização/impessoalização do agente está correlacionado a atributos como posição do predicador, posição dos SNparticipante1 e do SNparticipante2, da forma de perfilamento e, ainda, sua distribuição diferenciada de acordo com o padrão discursivo.

⁴ Segundo o autor (2006, p. 25), Inspired by the less controversial existence of allophonic and allomorphic variation in the domain of sound structure and word structure, I have called these phrase-level variants “allostructions”

⁵ Cappelle (2009), por exemplo, admite que, embora o uso de uma outra alternativa construcional possa ser condicionado por diferentes fatores, sempre resta uma margem de alternância livre pelos falantes.

4 A questão dos dados e métodos

Dada a sua orientação para o uso ou o seu foco na mudança linguística, as diferentes interfaces exploradas pelos membros do GT de Sociolinguística privilegiam a pesquisa empírica e, de uma forma ou outra, adotam métodos/técnicas quantitativas que permitam garantir a validade das hipóteses colocadas. Retomando Silva (2008, p. 58), podemos dizer que “a investigação empírica não implica abandonar a teoria em favor de uma investigação puramente descritiva, mas antes testá-la e refiná-la”. Assim envolvem, necessariamente, questões relativas à constituição de amostras confiáveis ou de outros procedimentos que permitam apreender da forma mais segura possível “o uso da língua” nas suas mais diversas manifestações.

Como se pode esperar, o avanço na área coloca novas questões e novos objetivos, o que pode exigir novas amostras e novos métodos. Tal aspecto pode ser observado, por exemplo, na larga expansão da linguística de *corpus*, com o objetivo de identificar “collocations” mais frequentes que possam explicar o maior *entrenchment* de uma forma linguística. No âmbito dos estudos variacionistas, questões relacionadas à construção do “significado indexical das variantes sociolinguísticas culminaram numa concepção mais ampla de estilo que extrapola graus de formalidade/informalidade, incluindo “padrões de orientação” (vestimentares, simbólicos, entre outros), que não podem ser apreendidos por categorias como classe social ou sexo. Impõe-se, assim, a necessidade de análises pela observação das comunidades de prática, como proposto por Eckert (1989) os estudos realizados no âmbito da Sociofonética. A maior ênfase na forma como a variação é percebida/avaliada e adquirida pelas crianças requer não apenas novos métodos de coleta de dados como também a utilização de testes/instrumentos específicos. O interesse nos processos cognitivos que organizam o conhecimento linguístico só é possível através de métodos experimentais que permitam identificar foco de atenção e saliência sociolinguística, o que se tornou possível graças ao desenvolvimento da informática e dos procedimentos da Psicologia.

Por definição, variação sociolinguística envolve a frequência das formas linguísticas e, portanto, a necessidade de métodos estatísticos que garantam a confiabilidade de diferenças observadas/atestadas e, por outro, permitam mensurar o alcance explicativo de uma determinada dimensão de análise. É preciso ter em mente, no

entanto, que quantificação e análise estatística é apenas um meio e não o objetivo. Antes e após resultados estatísticos está, e tem que estar, o pesquisador. No âmbito da Sociolinguística Variacionista, baseada num conceito mais estrito de variação, tais objetivos se concretizaram no programa Varbrul (Variable Rule analysis), antecessor do Goldvarb, concebido especificamente para a análise da variação linguística, um fenômeno multifatorial. Não se identifica, portanto, com o próprio modelo teórico e nem foi concebido para responder a todas as questões que possam interessar ao linguista. Outros programas, como o R, que permite a realização de diferentes análises estatísticas, são igualmente adequados para o tratamento da variação com a vantagem de dar conta do efeito de variáveis aleatórias como item lexical e indivíduo, fundamentais para a compreensão da representação da variação e propagação de mudanças linguísticas.

5 Não concluindo

Ao longo deste capítulo, destacamos as principais questões envolvidas na conjugação entre a Sociolinguística Variacionista e modelos que admitem o uso linguístico como a base de organização dos sistemas linguísticos e admitem a variação inerente. Um primeiro ponto a ser destacado é que não necessariamente os dois modelos focam no mesmo tipo de variação. Enquanto a Sociolinguística Variacionista se circunscreve à variação por alternância de formas com o mesmo significado, na grande parte dos modelos funcionais, cognitivos e construcionais, o foco está na variação polissêmica, seja de itens lexicais, seja de construções. Não se trata, portanto, do mesmo tipo de variação, mas de uma especificação de objetos distintos.

O segundo ponto diz respeito ao fato de que qualquer interface possui uma dupla direcionalidade: (a) aplicação de princípios teóricos de um modelo para explicar o objeto de estudo de um outro modelo, o que nem sempre é simples; e (b) o alargamento ou revisão dos pressupostos de um modelo teórico pela incorporação de outros objetos de estudo. A revisão realizada ao longo deste capítulo, muito longe de ser exaustiva, permite mostrar que a primeira direção ganhou maior espaço nos estudos realizados sobre variação e mudança no português, fomentando, inclusive, o debate sobre o poder explicativo de princípios estruturais, funcionais ou sociais. A segunda direção, no entanto, persiste como um desafio a ser superado. Os estudos de Sociolinguística podem contribuir

para o alargamento do escopo de outros modelos teóricos e/ou revisão de seus pressupostos centrais. Qualquer contribuição nesse sentido requer, no entanto, ultrapassar a coordenação dos métodos quantitativos da Sociolinguística Variacionista, consequência natural da sua delimitação do objeto de estudo, a outros objetos de estudo definidos no interior de quadros teóricos distintos. Portanto, os desafios continuam e são muitos.

Contribuição

Maria da Conceição de Paiva: Conceitualização, escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição; **Jussara Abraçado:** Conceitualização, escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição.

Referências

- AARTS, B. **Syntactic Gradience**. Oxford: University Press. 2007.
- ABRAÇADO, J. Variação e cognição. In: MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, p. 287-298, 2015.
- ALMEIDA, M. C. S.; GOMES, C. A. Variação linguística e emergência de padrões morfológicos: um estudo sobre o plural das palavras terminadas em -ão. **Web-Revista Sociodialeto**, v. 6, p. 815-841, 2016.
- BRANDÃO, S. F. GT de Sociolinguística. **Revista da ANPOLL**, n. 1, p. 95-102, 1995.
- BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. de O. Prefácio. In: MACHADO, M dos S.; WEIDEMER, M. L. **Dimensões e experiências em Sociolinguística**. São Paulo, Editora Edgard Blücher Ltda, p. 13-16, 2019.
- BRESCANICI, C. R.; FOULKES, P. (orgs). **Letras De Hoje**, v. 1, n. 52.
- BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. de O. Prefácio. In: MACHADO, M dos S.; WEIDEMER, M. L. **Dimensões e experiências em Sociolinguística**. São Paulo, Editora Edgard Blücher Ltda, p. 13-16, 2019.
- BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge University Press: Cambridge, 2001.
- BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. **Constructions**. Special Volume 1, p. 1-28, 2006.

CAPELLE, B. Can we factor out free choice? In: In: DUFTER, A.; FLEISCHER, J.; SEILER, G. **Describing and Modeling Variation in Grammar**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009 p. 183-199.

CHAFE, W. **Discourse, Consciousness, and Time: The Flow and Displacement of Conscious Experience in Speaking and Writing**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CLARK, L. **Variation, Change and the Usage-based Approach**. Tese de doutorado. University of Edinburgh, 2008.

CRISTÓFARO SILVA, T.; GOMES, C. A. Representações múltiplas e organização do componente fonológico. **Fórum Linguístico**, v. 4, n.1, p.147-177, 2004.

CRISTOFARO SILVA, T.; GOMES, C. A. Representações múltiplas e Organização do componente linguístico. In: GOMES, C. A. **Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares**. São Paulo: Contexto, 2020.

CROFT, W. **Radical construction grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective**. Oxford: Oxford. University Press, 2001.

DE VAERE, H.; KOLKMANN, J.; BELLIGH, T. Allostructions revisited. **Journal of Pragmatics**, n. 170, p. 96-111, 2020.

DIESSEL, H. **The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press.2019.

DUARTE, M. E. L. A Sociolinguística “paramétrica”: desfazendo alguns equívocos. **Guavira**, v. 15, n. 31, p. 124-140, 2019.

DURKHEIM, É. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo, Edições Paulina, 1989.

ECKERT, P. **Jocks and burnouts: social categories and identity in the high School**. New York/ London: Teachers College Press, 1989.

ESTEVES, G. A. T. **Construções com DAR + sintagma nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

FREITAG, R. M. Ko.; OUSHIRO, L. Sociolinguística no Brasil: deslocamentos e fronteiras. **Domínios de Lingu@gem** 13(4), p. 1324-1329, 2019.

FREITAG, R. M. Ko. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. **Matraga**, v. 1. 16, n. 24, 2009.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979a.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, Talmy (Ed.). **Syntax and semantics 12: discourse and syntax**. New York: Academic Press, 1979b. p. 81-112.

GOLDBERG, A. **Constructions**. A construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOMES, C. A. (org.) **Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares**. São Paulo: Contexto, 2020.

GOMES, C. A.; BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. O. Variação sonora. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, p. 199-220, 2015.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, v. 15, n. 1/2, p. 79-101, 16 mar. 2016.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. **The handbook of historical linguistics**. Blackwell handbooks in linguistics. Oxford/Malden, MA: Blackwell Publishing, p. 575-601.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, P. Emergent grammar. **Berkeley Linguistic Society**, vol. 13, p.139-15, 1987.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues**, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 2-35.

HOPPER, P.; Elizabeth C. **Grammaticalisation**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JOHNSON, K.; MULLENIX, J. W. Complex Representation used in speech perception. In: JOHNSON, K.; MULLENIX, John W. (Ed.) **Talker variability without in speech perception**. San Diego: Academic Press, 1997, p. 1-8.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Pennsylvania, University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

LABOV, W. **The cognitive capacities of the sociolinguistic monitor**. Paper presented at the 17th Sociolinguistic Symposium, Amsterdam. 2006.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**; descriptive application (volume 2). Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

LEINO, J.; ÖSTMAN, J. Constructions and variability. In.: FRIED, M.; BOAS, H. C. **Grammatical Constructions: back to the roots**. Amsterdam/Philadelphia: John

Benjamins Publishing Company. (Constructional Approaches to Language), 2005. p. 192-213.

LOIOLA, R. L. **Construções de aspecto terminativo e cessativo no português brasileiro**. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. **Linguística**. Volume Especial, p. 152-170, 2016.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. **Letrônica – Revista Digital do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS**, v. 10, n. 1, p. 82-95, 2017.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (orgs.). **Sociolinguística no Brasil**: textos selecionados. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística variacionista e gramática de construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. (Orgs). **Dimensões e experiências em Sociolinguística**. CIDADE: Editora Edgar Blucher Ltda, 2019, p. 85-220.

MARTINS, M. A.; COELHO, I. L.; CAVALCANTE, S. R. OLIVEIRA. Variação sintática e gerativismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, p. 221-248, 2015.

MARTINS, M. A.; BERLINCK, R.; ABRAÇADO, J. **Questões teóricas e metodológicas para o estudo da variação e mudança linguísticas**: estado da arte e perspectivas futuras. Comunicação apresentada em mesa-redonda no Encontro Intermediário do GT de Sociolinguística: IIEIGTS, Rio de Janeiro, UFRJ, 2019.

LOPES DE MELO, M. A. S. **Direcionalidade da mudança sonora**: o papel do item lexical e da avaliação social. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, M. R.; ARENA, A. B. O viés funcional do pareamento simbólico função < > forma na abordagem construcional da gramática. **Soletras**, n. 37, p. 30-58, 2019.

OLIVEIRA, D. L. O tratamento da variação em gramática de Construções baseada no uso: a propósito das Construções clivadas em português brasileiro. **Diadorim**, v.21, n. 2, p. 62-82, 2019

OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na Sociolinguística. **Estudos Linguísticos e Literários** 63, p. 304-325, 2019.

PAIVA, M. da C. de. **Ordenação de cláusulas causais: forma e função**. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

PAIVA, M. da C. de; OLIVEIRA, B. A. 2020. Y a -t- il une place pour la variation dans la grammaire de construction cognitive? le cas de la construction [por sn de x]. **Gragoatá**. Niterói, v.25, n. 52, p. 879-909, 2020.

PAREDES SILVA. **Cartas cariocas**: a variação do sujeito na escrita informal. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

PEREK, F. **Argument Structure in Usage-Based Construction grammar**: experimental and corpus-based perspectives. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.) **Frequency effects and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-19.

RAMOS, J M.; MENON, O P. Variação e gramaticalização. In: MARTINS, M A; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, p. 271-286, 2015.

ROSA, F S; OLIVEIRA, M R. Competição interna na hierarquia construcional: um estudo do princípio da não sinonímia. **Linguística**, v. 16, n.2, p.22-49. 2020.
SCHERRÉ, M. M. P. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos Linguísticos**, v.7, n. 2, p. 29-59, 1998

SILVA, A. S. de. Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 16, n. 1, Belo Horizonte, jan./jun. 2008, p. 49-81.

TARALLO, F.; KATO, M. A. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e interlingüística. **Predição 5**, Campinas: Unicamp, p. 315-353, 1989. [Artigo reimpresso em Diadorim, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, v. 2, p. 13-42, 2006].

SILVA, A. S. de. Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 16, n. 1, Belo Horizonte, jan./jun. 2008, p. 49-81.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Revista de Estudos Linguísticos e literários**, v. 17, ano VIII, Edição Especial ABRALIN Sergipe, p. 75- 97 2013.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI; E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M.A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

TAYLOR, J. R. **Cognitive grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, Regine Jäger; VEENSTRA, Tonjes (Eds). **Probing the Evolutionary Model of Language Change**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C. Modelling language change with constructional networks. In: PONS BORDERÍA, S.; LOUREDA LAMAS, Ó. (eds.), *Beyond grammaticalization and discourse markers: new issues in the study of language change*. **Studies in Pragmatics**; v. 18, p. 17-50, 2018.

UHRIG, P. Why the Principle of No Synonymy is overrated. **Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik**, 63 (3), p. 323-337, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change". In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (orgs.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In.: FRANCESCHINI, L.T.; LOREGIAN-PENKAL, L. **Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas**. Guarapuava: UNICENTRO, 2018, p. 41-77.

Recebido em: 10 de dezembro de 2020

Aceito em: 31 de maio de 2021

Publicado em agosto de 2021

Maria da Conceição de Paiva
E-mail: conceicaopaiva@letras.uffj.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8261-6575>

Jussara Abraçado
E-mail: mjabracadoalmeid@id.uff.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1050-9500>
